H. G. WELLS, HALLEY E DERRIDA

Sigrid Renaux

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este artigo justapõe trechos de publicações em revistas sobre a vinda do cometa Halley, com a tradução do conto de H.G. Wells, "A Estrela", numa tentativa de mostrar, através da semelhança existente entre os diversos textos, como um texto lê o outro, nas palavras de Derrida.

"One text reads another (...). Each text is a machine with multiple reading heads for other texts".¹

Jacques Derrida

O título engana. Mas só até certo ponto. Por que não "Derrida, Wells e Halley"? A epígrafe justificaria o nome de Derrida em primeiro lugar. Ou "Halley, Wells e Derrida"? O cometa também é um autor e ator, pela rota que descreve e inscreve no firmamento e pela performance que dá, como um novo protagonista — a nossos olhos — no eterno espetáculo celeste. Quem poderá dizer exatamente se a disposição dos nomes depende da proporção em que cada autor aparece, é usado, ou domina o texto (nesse caso Derrida viria em último lugar), ou da atualidade dos nomes (Halley estaria à frente dos outros), ou ainda qual texto foi escrito/inscrito primeiro? Deixemos este espaço a Wells, já que os "textos" de Derrida e Halley (1979 e 1986) lhe são posteriores.

Em 1897, portanto há quase 90 anos, H.G. Wells publicava "The Star" em *28 Science Fiction Stories*². É um conto da primeira fase de Wells, e ainda considerada a melhor, pela

1 Derrida, Jacques. "Living On. Border Lines". in *Deconstruction & Criticism*. London, Routledge & Kegan Paul. 1979. p.107.

2 "The Star" foi publicado posteriormente em *Tales of Space and Time* (1900). Para a tradução que se segue ver nota 10.

sua “esplêndida concisão”³. De origem modesta, Wells tornou-se um dos primeiros escritores de ficção científica, graças à sua imaginação fértil aliada a seu conhecimento científico - foi professor de ciências - e entre suas primeiras obras situam-se *The Time Machine* (1895), *The Island of Doctor Moreau* (1896), *The Invisible Man* (1897) e *The War of the Worlds* (1898). Wells também escreveu nesta primeira fase um romance científico, *In the Days of the Comet* (1906)⁴, talvez antecipando-se à aparição do cometa Halley em 1910.

Em “The Star”, descreve a vinda súbita de uma estrela até bem perto da Terra, a reação da humanidade e as conseqüências calamitosas desta trajetória para nosso planeta. A similaridade da narrativa da vinda da estrela no conto de Wells com as notícias e artigos publicados em jornais e revistas sobre a vinda do cometa Halley em 1986 é espantosa, e vale a pena reler trechos das revistas *Time* (6/12/85) e *Veja* (8/1/86) e compará-los com a tradução que se segue de “The Star” para nos darmos conta de como a ficção de Wells, se bem que ultrapassada até certo ponto pela própria realidade científica do século XX, ainda prende a atenção do leitor mais atualizado e “blasé”. Como já dizia Montgomery Belgion, em sua biografia sobre Wells (publicada em 1935 e portanto bem antes de se terem iniciado as viagens interplanetárias),

in the longer stories which the author called “scientific romances”, the science will not disturb an up-to-date reader. On the contrary, in some respects the science seems to be more intelligible than it can have seemed when the romances were new. We can no more travel in time now than we could have travelled in the year 1897, the year of *The Time Machine*, but thanks to Einstein and theories of a space-time continuum we are familiar, as readers of 1895 were not, with the treatment of time as an added dimension of space. When *The War of the Worlds* (1897) and *The First Men in the Moon* (1900) were published, inter-planetary travel was commonly regarded as visionary, it is declared to be perfectly practicable now.⁵

Mesmo que a vida do cometa Halley não ofereça perigo real à humanidade (“Perigos? Nenhum. As chances desta

3 Sampson, George. *The Concise Cambridge History of English Literature*. Cambridge, The University Press, 1961. p.998.

4 Como Montgomery Belgion resume o romance, em *In the Day of the Comet* a Terra está imersa na cauda de um cometa e, em conseqüência, os costumes e a moral foram profundamente transformados. Em H.G.Wells. London, Longmans, Green & Co., 1955. p.21.

5 Belgion, M. p.30.

maravilha do universo chocar-se com a Terra são virtualmente inexistentes, algo como uma em 700 milhões. (...) Na verdade, o Halley e a Terra orbitam em planos diferentes do sistema solar, como dois automóveis que viajassem em pistas de elevações diferentes num mesmo viaduto — e ao cruzar a pista exclusiva da Terra, a partir de março, nosso planeta felizmente estará em outro ponto de sua órbita.”⁶), ao lermos “The Star” sem querer somos levados a imaginar o que poderia acontecer a nós, caso a trajetória do Halley sofresse alguma alteração. Como afirma a revista *Time*,

During the past few years, evidence has been accumulating to support Physicist Luis Alvarez's theory that a giant comet (or asteroid) struck the earth 65 million years ago, pulverizing a huge area and spewing so much debris into the atmosphere that the skies darkened for months, temperatures dipped, and much of the life on earth — most notably the dinosaurs — perished. (...) Impacts by comets may have been responsible for mass extinctions of life at other times in the past. And scientists are certain that it can happen again.⁷

Comparemos, pois, os diversos textos:

VEJA:

Entre o começo de março e as últimas noites de abril ele estará finalmente entre nós, visível a olho nu em toda a sua majestade, após mais uma viagem de 76 anos em torno do sistema solar — desde os confins gelados de Netuno e Plutão, os dois planetas mais distantes que giram em torno do Sol, até as vizinhanças da Terra e ao alcance dos olhos humanos. Neste período de pura magia para todos aqueles que sonharam, um dia, poder vê-lo, ele estará a 63 milhões de quilômetros de distância da Terra, o ponto mais próximo a que chegará antes de retomar sua trilha de sempre ao redor do Sol (...).

O cometa Halley passará por nós deslizando no céu a 200.000 quilômetros por hora, mas ninguém precisa ficar aflito com a idéia de que riscará o firmamento como se fosse uma estrela cadente (...). A tal distância, sua velocidade adquire outra relação para os sentidos de quem está

6 Veja. 8 de janeiro de 1986. pp.36-45.

7 Time. December 16, 1985. pp.18-24.

aqui embaixo — e o resultado é que ele parecerá estar perfeitamente parado na abóboda celeste (...).

Também não motivos para temer que, por causa da distância, o Halley não possa ser visto bem, ou apareça muito pequeno. (...) No período certo e nas condições corretas, será possível enxergá-lo, em termos de tamanho, como se fosse um fecho de trinta luas cheias encadeadas uma à outra, ocupando um quinto do céu noturno.

(...) o seu encanto maior, e o mais capaz de mexer com a alma humana, está não tanto na exibição pirotécnica de seu núcleo, cabeleira e cauda nos céus, e sim nas indagações que levantará. Haverá um espetáculo para os olhos. Haverá outro, em diversas facetas mais excitantes, para o pensamento. De fato, o Halley fará as pessoas olharem como nunca para o céu, neste ano de 1986 — e ao capturar sua atenção para as coisas do universo as fará cogitar sobre o significado disso tudo. Tal meditação, irresistivelmente, conduz a mergulhos naquele que talvez seja o mais perturbador de todos os mistérios já apresentados ao homem ao longe de seus milênios de existência como ser racional: como, quando, onde e por que começou o universo, quais os seus limites e o que, afinal, somos nós próprios.⁸

TIME:

For more than three decades, as the frozen mass hurtled along its lonely path, the distant star had grown bigger and brighter in the blackness of space. Now the icy wayfarer was picking up speed, and the star had become a shining yellow sphere, its intense light illuminating the planets circling it. Basking in the rays of the star, the approaching comet warmed, giving off vapors that formed a growing cloud around it. And in the brightening light, the cloud began to glow.

For inhabitants of earth, the third closest planet to the star, the long-awaited spectacle had begun. After a 75-year sojourn through the solar system, Halley's (...) comet had again swung into view, but just barely. At Kitt Peak National Observatory near Tucson one night last month, several

large telescopes tracked the approaching comet, projecting images that flickered across television monitors. But like countless amateur stargazers around the world, the astronomers wanted to see the cosmic celebrity with their own eyes. Huddled in the chill mountain air outside an observatory dome, necks craned, binoculars raised, they and a group of visitors searched a patch of sky.

"I've found it!" somebody cried. "Where? Where?" a chorus responded. (...)

And there it was. The sight, however, was decidedly unspectacular. Because it was still too far from the sun to sport a visible tail, the comet looked little more than a smudged and dusty fingerprint. (...)

Halley's comet and the countless others that blaze across the night skies have had a profound effect on history. They have influenced literature, art, religion and warfare, perhaps even evolution and the very beginnings of life. For centuries comets were widely regarded as harbingers of disaster, omens of death, pestilence, wars, drought, earthquakes and floods. Modern science has dispelled many of these myths, but some persist today. In a bizarre twist, scientists themselves are beginning to attribute great cataclysms of the past to what the ancients called "hairy stars".⁹

"A ESTRELA" DE H. G. WELLS:

Foi no primeiro dia do novo ano que veio a notícia, dada quase que simultaneamente por três observatórios, de que o movimento do planeta Netuno, o mais remoto de todos que giram em torno do sol, tinha se tornado muito errático. Em dezembro Ogilvy já havia chamado a atenção para uma provável retardação em sua velocidade. Tal notícia não foi divulgada para interessar um mundo onde a maior parte dos habitantes ignorava a existência do planeta Netuno, como também a descoberta subsequente de um ponto de luz, fraco e remoto, na região do planeta perturbado, não causou qualquer alvoroço maior fora do meio astronômico. Os cientistas, entretanto, acharam a informação bastante invulgar, mesmo antes de se tornar conhecido que o novo corpo estava rapidamente ficando maior e mais brilhante, que seu movimento era bem diferente da progressão ordenada dos plane-

⁹ Time.

tas e que o desvio de Netuno e seu satélite estava se tornando agora de uma ordem sem precedentes.

Poucas pessoas sem conhecimento científico podem compreender o imenso isolamento do sistema solar. O sol com seus átomos de planetas, sua poeira de planetóides e seus cometas imponderáveis, flutua numa imensidão vazia que quase ultrapassa a imaginação. Além da órbita de Netuno há espaço, tão vazio quanto a observação humana possa penetrar, sem calor, luz ou som, um vazio monótono, numa extensão de vinte milhões por um milhão de milhas. Esta é a menor estimativa da distância a ser atravessada antes que a mais próxima das estrelas seja alcançada. E, excetuando-se alguns cometas, menos densos que a mais tênue chama, ao que nos é dado saber nenhuma matéria jamais atravessara esta imensidão do espaço, até que no início do século vinte apareceu este estranho viajante. Era uma imensa massa de matéria, volumosa, pesada, irrompendo sem aviso prévio do mistério negro do firmamento para dentro do fulgor do sol. No segundo dia ele estava claramente visível a qualquer instrumento, como um ponto cujo diâmetro era apenas perceptível, na constelação do Leão perto de Regulus. Mais alguns dias, um binóculo de ópera podia alcançá-lo.

No terceiro dia do novo ano os leitores de jornais dos dois hemisférios perceberam pela primeira vez a importância real desta aparição inusitada nos céus. Um jornal londrino encabeçou as notícias — “Uma Colisão Planetária” — e proclamou a opinião de Duchaine de que este novo e estranho planeta provavelmente iria colidir com Netuno.

Os principais redatores discorreram sobre o assunto. De modo que havia no mundo uma expectativa, se bem que vaga, de um fenômeno iminente no céu a 3 de janeiro; e quando a noite seguiu-se ao pôr-do-sol em volta do globo, milhares de pessoas voltaram os olhos para os céus para ver — as antigas e conhecidas estrelas como elas sempre o foram.

Quando chegou a madrugada em Londres, Pollux se punha e as estrelas mais altas tornaram-se pálidas. Era uma madrugada de inverno — uma acumulação insinuante e pálida da luz do dia e a luz amarela do gás e das velas brilhava nas janelas para mostrar onde as pessoas já estavam de pé. Mas o policial sonolento viu a coisa, a multidão ativa nos mercados parou boquiaberta, os operários que iam cedo ao trabalho, os leiteiros, os entregadores de jornais, os boêmios retornando exaustos e pálidos para casa, os vagabundos sem lar, os guardas em suas rondas noturnas e, no campo, os trabalhadores caminhando penosamente, os caçadores furtivos retornando aos abrigos, acima de todo o alvoroço pré-

matutino ela podia ser vista — e lá longe no mar, pelos marinheiros espreitando o dia — uma grande estrela branca, que aparecera subitamente no céu ocidental!

Ela era mais brilhante que qualquer estrela em nossos céus; mais brilhante que a estrela da noite em seu maior esplendor. Uma hora após o dia nascer, ela continuava a resplandecer branca e grande, não mais como um mero ponto de luz mas como um pequeno disco redondo, claro e brilhante. E onde a ciência ainda não chegara, os homens fitavam a estrela e tiveram medo, contando uns aos outros de guerras e pestes que eram prenunciadas por estes signos incandescentes nos céus. Os valorosos Boers, os escuros Hotentotes, os negros da Costa do Ouro, os franceses, os espanhóis, os portugueses, estavam de pé no calor do sol matutino, observando o ocaso desta estranha e nova estrela.

E em centenas de observatórios houve uma excitação reprimida, chegando quase a nível de grito, quando os dois corpos distantes se arremessaram um contra o outro e houve uma correria de cá para lá para apanhar aparelhos fotográficos e um espectroscópio, e mais outros instrumentos, para registrar esta nova e assombrosa visão, a destruição de um mundo. Pois era um mundo, um planeta irmão de nossa terra, na realidade bem maior que nossa terra, que havia tão subitamente rompido em chamas mortais. Foi Netuno que havia sido atingido, completa e frontalmente, pelo estranho planeta de além do espaço e o calor da concussão havia imediatamente transformado ambos os blocos sólidos numa grande massa de incandescência. Naquele dia, duas horas antes do amanhecer, passou a grande estrela, pálida e branca, desaparecendo apenas quando se pôs no ocidente e o sol nasceu. Por toda a parte os homens se maravilharam, mas de todos os que a viram ninguém podia ter se maravilhado mais que aqueles marinheiros, habituais observadores das estrelas, que lá longe no mar nada tinham ouvido falar de seu advento e a viam agora subir como uma pequena lua, galgar ao zênite, permanecer no alto e se pôr no ocidente com o passar da noite.

E quando ela se ergueu de novo sobre a Europa, havia multidões de observadores por toda parte, em ladeiras íngremes, nos telhados, em espaços abertos, olhando na direção leste para ver o nascimento da grande e nova estrela. Ela subiu com uma radiação branca à sua frente, como o clarão de um fogo branco e aqueles que a viram nascer na noite anterior, gritaram ao avistá-la: "Ela está maior!" "Ela está mais brilhante!" E, realmente, a lua crescente que descambava no horizonte estava em seu verdadeiro tamanho muito

além de qualquer comparação, mas mal tinha com toda sua dimensão, tanto brilho agora como o pequeno círculo da nova e estranha estrela.

"Ela está mais brilhante!" gritavam as pessoas apinhadas nas ruas. Mas nos observatórios escuros, os pesquisadores prendiam a respiração e entreolhavam-se "Ela está mais perto!" diziam. "Mais perto!"

E voz após voz repetia, "Ela está mais perto" e o clique do telégrafo transmitiu a notícia e a notícia trepidou pelos fios telefônicos e em milhares de cidades os tipógrafos com dedos encardidos bateram os tipos. "Ela está mais perto". Os escreventes nos escritórios, impressionados com o estranho acontecimento, jogaram fora as canetas e os homens que conversavam em milhares de cidades perceberam subitamente a probabilidade fantástica contida nas palavras "Ela está mais perto". A notícia percorreu as ruas que acordavam, foi bradada pelos caminhos gelados de cidadezinhas tranquilas; e os homens que haviam lido as notícias dadas pelo telégrafo latejante, permaneciam nas portas iluminadas passando a notícia para os transeuntes. "Ela está mais perto." Mulheres bonitas, pintadas e enfeitadas, ouviram a notícia espalhada em tom de brincadeira entre as danças e fingiram um interesse que na verdade não sentiam. "Mais perto! Realmente. Que interessante! Como as pessoas devem ser inteligentes para descobrirem coisas assim!"

Os vagabundos solitários perambulando pela noite de inverno murmuravam as mesmas palavras para se confortarem — olhando em direção do céu. "Ela tem de estar mais perto, porque a noite está fria como gelo. Mas de qualquer maneira, não parece vir muito calor dela, se ela estiver mais perto".

"O que é uma nova estrela para mim?" gritava a mulher em prantos, ajoelhada perto do morto.

O escolar, que havia levantado cedo para seus estudos, resolveu os problemas sozinho — com a grande estrela branca brilhando ampla e vivamente através das flores de gelo da vidraça. "Centrífugo, centrípeto", dizia ele, com o queixo sobre os punhos. "Parem um planeta em sua trajetória, tirem-lhe a força centrífuga e daí? Vira centrípeta e ele cai dentro do sol! E então —!"

"Será que nós estaremos na trajetória? Fico imaginando —".

A luz daquele dia seguiu o caminho de seus irmãos e com as vigílias tardias da noite gelada surgiu novamente a estranha estrela. Desta vez ela estava tão brilhante que a lua crescente parecia apenas uma sombra amarela e pálida de si mes-

ma, suspensão e enorme no por-do-sol. Numa cidade sul-africana um homem importante havia casado e as ruas estavam iluminadas para recebê-lo de volta com sua noiva. "Até os céus se iluminaram", dizia o lisonjeador. Sob o Capricórnio, dois amantes negros, desafiando por mútuo amor os animais selvagens e os maus espíritos, abraçavam-se num taquaral coberto de vagalumes. "Aquele é a nossa estrela", murmuravam eles, sentindo-se estranhamente envolvidos pela doce luminosidade de seu brilho.

O mestre de matemática sentado em seu escritório particular, afastou de si os papéis. Seus cálculos haviam terminado. Num pequeno e branco frasco de vidro ainda restava um pouco da droga que o mantivera acordado e ativo durante quatro longas noites. Cada dia, sereno, explícito, paciente como sempre, ele havia dado sua aula e em seguida voltado imediatamente para este cálculo importante. O rosto grave, um pouco contraído e agitado pela atividade sustentada pelas drogas. Por um certo tempo parecia absorto. Depois foi à janela e a veneziana subiu com um clique. A meio caminho no céu, sobre os telhados, chaminés e campanários apinhados da cidade, pousava a estrela.

Ele a olhou como se poderia olhar dentro dos olhos de um inimigo corajoso. "Você pode me matar", disse após um silêncio. "Mas eu posso segurar você — e todo o universo além disso — na capacidade deste pequeno cérebro. Eu não mudaria. Mesmo agora".

Ele olhou o pequeno frasco de vidro. "Não vai mais haver necessidade de sono", disse. Às doze horas do dia seguinte, pontual ao extremo, entrou no anfiteatro, colocou o chapéu no canto da mesa como de costume e escolheu cuidadosamente um grande pedaço de giz. Era motivo de pilhéria entre os alunos o fato de o professor não poder dar aula sem aquele pedaço de giz a remexer entre os dedos; uma vez ele ficou incapacitado de dar aula por haverem escondido a caixa. Ele chegou e olhou, sob suas sobranceiras cinzentas, aquelas fileiras ascendentes de rostos jovens e falou com sua costumeira e trivial fraseologia. "Surgiram circunstâncias — circunstâncias além do meu controle", disse e parou, "que vão me impedir de completar o curso que havia planejado. Parece, meus jovens, se posso ser claro e sucinto, que — o Homem viveu em vão".

Os alunos se entreolharam. Será que ouviram corretamente? Estava louco? Havia sobranceiras erguidas e sorrisos largos, mas um ou dois semblantes permaneceram atentos em seu rosto calmo e orlado de cinza. "Será interessante" dizia ele, "devotar esta manhã para uma exposição, tanto

quanto eu consiga deixá-la clara para vocês, dos cálculos que me levaram a esta conclusão. Vamos supor que —"

Ele se virou para o quadro negro, meditando sobre um diagrama em sua maneira habitual. "O que ele queria dizer com 'viveu em vão?'" cochichava um aluno a outro. "Escute", disse o outro, acenando com a cabeça em direção do conferencista.

E dali a pouco eles começaram a compreender.

Naquela noite a estrela surgiu mais tarde, pois seu movimento característico em direção leste a havia levado um pouco além da constelação do Leão em direção da Virgem e seu brilho era tão grande que, quando ela surgiu, o céu se tornou de um azul luminoso e cada estrela por sua vez se ocultou, exceto Júpiter perto do zênite, Capella, Aldebaran, Sirius e os perdigueiros da Ursa. Ela estava muito branca e bonita. Naquela noite, em muitas partes do mundo, uma auréola pálida a emoldurava. Estava visivelmente maior; na refração clara do céu tropical ela parecia estar um quarto do tamanho da lua. A geada ainda cobria a Inglaterra, mas o munto estava iluminado como se fosse o luar de uma noite de verão. Com aquela luz clara e fria, podia-se ver e ler normalmente o jornal e nas cidades, ardiavam as lâmpadas amarelas e pálidas.

Naquela noite, o mundo todo estava acordado e por toda a cristandade pousava um murmúrio triste no ar cortante do campo, como o zumbido de abelhas na charneca e esta agitação rumorejante se transformou num estrépido nas cidades. Era o tocar dos sinos em milhares de torres e campanários, convocando as pessoas a não dormir mais, a não pecar mais e a se reunir nas igrejas e orar. E acima, enquanto a terra girava em sua trajetória e a noite passava, subia a deslumbrante estrela, cada vez maior e mais brilhante.

Em todas as cidades, as ruas e casas estavam iluminadas, os estaleiros luziam e quaisquer estradas que levassem ao interior estavam iluminadas e povoadas durante a noite toda. E em todos os mares de terras civilizadas, os navios com as máquinas em movimento, navios com velas bojudas, povoados de homens e criaturas humanas, rumavam ao mar em direção norte. Pois o alerta do mestre de matemática já havia sido telegrafado por todo o mundo e traduzido para mil idiomas. O novo planeta e Netuno, aprisionados num abraço incandescente, lançavam-se cada vez mais impetuosamente em direção ao sol. A cada segundo esta massa ardente já corria a cem milhas e a cada segundo sua terrível velocidade aumentava. Em sua trajetória, de fato, ela deveria passar a uma centena de milhões de milhas da terra e mal afetá-la.

Mas perto de sua rota predestinada girava o poderoso planeta Júpiter com suas luas, movendo-se magnificamente em volta do sol e, por enquanto, apenas ligeiramente perturbado. A cada instante agora aumentava a atração entre a estrela incandescente e o maior dos planetas. E qual o resultado dessa atração? Júpiter inevitavelmente seria desviado de sua órbita para uma rota elíptica e a estrela incandescente, afastada para bem longe de sua trajetória solar pela atração de Júpiter, “descreveria uma trajetória curva” e talvez colidisse, mas certamente passaria bem próxima de nossa terra. “Terremotos, erupções vulcânicas, ciclones, maremotos, inundações e uma elevação constante da temperatura até não sei que limites” — profetizava o mestre de matemática.

E acima, para cumprir suas palavras, brilhava a estrela da destruição iminente, isolada, indiferente e lívida.

Sua aproximação era visível para muitos que a observavam, naquela noite, até que seus olhos doessem. Naquela noite, também, o tempo mudou e a geada que dominava por toda a Europa Central, França e Inglaterra, abrandou-se num degelo.

Mas vocês não imaginem que, por eu ter falado de pessoas rezando através da noite, de pessoas embarcando em navios e de pessoas fugindo em direção a terras montanhosas, que o mundo todo já estivesse aterrorizado por causa da estrela. Na verdade, os usos e costumes ainda dominavam o mundo e, salvo conversas ociosas e o resplendor da noite, nove entre dez pessoas ainda se ocupavam de seus afazeres diários.

Em todas as cidades, as lojas — salvo uma ou outra — abriram e fecharam nas horas costumeiras, o médico e o agente funerário exerciam seus ofícios, os operários reuniam-se nas fábricas, os soldados se exercitavam, os eruditos estudavam, os amantes se procuravam, os ladrões espreitavam e fugiam, os políticos organizavam seus planos. As máquinas impressoras dos jornais estrepitavam através das noites e muitos padres desta ou daquela igreja não queriam abrir suas santas casas para promover o que consideravam um pânico absurdo. Os jornais insistiam na lição do ano 1000 — pois naquela ocasião, também, as pessoas haviam antecipado o fim do mundo. A estrela não era estrela — mero gás — um cometa; e se fosse uma estrela, não poderia eventualmente atingir a terra. Não havia precedentes para isso. O senso comum era inflexível por toda parte, desdenhoso, zombeteiro, um pouco inclinado a perseguir os medrosos obstinados. Naquela noite, às sete e quinze, hora de Greenwich, a estrela estaria em seu ponto mais próximo a Júpiter. Então o mundo

poderia ver que rumo as coisas iriam tomar. As advertências do mestre matemático foram consideradas por muitos como mera e bem feita auto-propaganda. Por fim o senso comum, um pouco acalorado pela discussão, manifestou sua convicção inabalável indo dormir. Assim também os povos primitivos e selvagens, já cansados da novidade, cuidaram de seus afazeres noturnos e, exceto um cão que ladrava cá e acolá, o inundo animal não deu atenção à estrela.

Entretanto, quando os observadores dos países europeus viram finalmente a estrela surgir, uma hora mais tarde na verdade, mas sem estar maior do que na noite anterior, havia ainda muitas pessoas acordadas a rir do mestre matemático — como se o perigo tivesse passado.

Mas daqui para diante o riso cessou. A estrela crescia — crescia com uma regularidade terrível, hora após hora, um pouco maior cada vez, um pouco mais próxima do zênite da meia noite, mais e mais brilhante, até que transformou a noite num segundo dia. Se tivesse vindo diretamente à terra em vez de uma trajetória curva, se não tivesse perdido velocidade para Júpiter, ela teria ultrapassado o espaço entre ambos num só dia; mas assim, demorou cinco dias para chegar ao nosso planeta. Na noite seguinte tinha se tornado um terço do tamanho da lua, antes de desaparecer aos olhos dos ingleses e o degelo estava assegurado. Surgiu sobre a América quase do tamanho da lua, mas de uma brancura de cegar a vista, e de um calor extremo; uma aragem quente soprava agora, com sua força crescente e cumulativa e na Virgínia, no Brasil e ao longo do vale do São Lourenço, ela brilhava intermitentemente através do vapor impelido pelas nuvens de trovoadas, dos relâmpagos bruxoleantes cômicos de violeta e de granizo nunca visto. Em Manitoba houve degelo e enchentes devastadores. E em todas as montanhas da terra, a neve e o degelo começaram a derreter naquela noite e todos os rios que vinham das regiões elevadas desciam cheios e turbidos e logo mais — em seus trechos superiores — com árvores em redemoinho e cadáveres de animais e homens. Eles cresciam constantemente, constantemente, num esplendor fantasmagórico e finalmente inundaram as margens perseguindo a população que fugia de seus vales.

E ao longo da costa da Argentina, subindo o Atlântico sul, as marés estavam mais altas do que nunca na memória dos homens e, em muitos casos, as tempestades impeliam as águas muitas milhas para o interior, inundando cidades inteiras. E durante a noite o calor ficou tão intenso que o nascer do sol era como se fosse o nascer de uma sombra. Os terremotos começaram e aumentaram tanto que por toda a

América, do Círculo Polar Ártico até o Cabo Horn, as encostas resvalavam, abriam-se fissuras e as casas e paredes desmoronavam até serem destruídas. Todo o flanco do Cotopaxi resvalou numa única e enorme convulsão e um jato de lava irrompeu tão alto, extenso, rápido e líquido, que num só dia alcançou o mar.

Assim a estrela marchou através do Pacífico, com a páli-da lua em sua vigília, rastreou as tempestades como a barra de um traje e a onda de maré crescente que avançava atrás dela esparramou-se, ansiosa e espumante, sobre ilha após ilha, despojando-as de homens. Até que finalmente chegou aquela onda — rápida e terrível, numa luz que cegava e com a amplidão de uma fornalha — chegou uma muralha de água de dezessete metros de altura, rugindo avidamente ao longo das costas da Ásia e precipitando-se pelas planícies do interior da China. Durante certo tempo a estrela, já mais quente, maior e mais brilhante em sua força que o sol, mostrou com sua impiedosa luminosidade o país populoso e extenso; as cidades e as vilas com pagodes, árvores, estradas, campos amplamente cultivados e milhões de pessoas acordadas fitando o céu incandescente, num terror indefeso. E então chegou o murmúrio baixo e crescente da inundação. Foi assim que aconteceu com milhões de homens naquela noite — uma fuga sem destino, com os membros pesados pelo calor e com a respiração ardente e curta e a inundação atrás, como uma parede branca e veloz. E depois a morte.

A China estava iluminada por uma irradiação branca, mas sobre o Japão, Java e todas as ilhas da Ásia Oriental, a enorme estrela era uma bola de fogo vermelha e sombria, por causa do vapor, da fumaça e das cinzas que os vulcões estavam lançando para saudar sua vinda. Acima estavam a lava, gases quentes e cinzas e abaixo as enchentes fervilhan-tes e a terra inteira oscilava e retumbava com os abalos dos terremotos. Em breve as neves eternas do Tibet e do Hima-laia estavam derretendo e escorrendo, através de dez milhões de canais profundos e convergentes, sobre as planícies de Burma e do Indostão. As copas emaranhadas das selvas indianas estavam em chamas em milhares de pontos e abaixo das águas apressadas, em volta dos troncos, havia objetos escuros que ainda lutavam fracamente, refletindo as línguas de fogo vermelho-sangue. E numa confusão desordenada, uma multidão de homens e mulheres fugia ao longo dos extensos rios, rumo à única e derradeira esperança que lhes restava — o mar aberto.

Agora a estrela se tornava maior e maior, mais quente e mais brilhante, com uma rapidez terrível. O oceano tropical

havia perdido sua fosforescência e um vapor turbilhante subia, em espirais fantasmagóricas, das ondas negras que se lançavam sem cessar, salpicadas de navios arremessados pelas tempestades.

E então aconteceu um milagre. Parecia, àqueles que na Europa observavam a estrela que surgia, que o mundo cessara sua rotação. Em milhares de espaços abertos em vales e colinas, as pessoas que para lá haviam fugido das enchentes, das casas em escombros e das encostas deslizantes, aguardavam em vão o surgimento da estrela. As horas seguiam-se, numa ansiedade terrível e a estrela não apareceu. Mais uma vez os homens puseram os olhos nas antigas constelações que consideravam perdidas para sempre. Na Inglaterra o céu estava claro e quente, apesar de o chão estremecer continuamente, mas nos trópicos, Sirius, Capella e Aldebaran apareciam através de uma nuvem de vapor. E quando finalmente a enorme estrela surgiu, quase dez horas mais tarde, o sol nasceu bem perto dela e no centro de seu núcleo branco, havia um disco negro.

Foi sobre a Ásia que a estrela começou a ficar para trás do movimento do céu e depois, quando estava sobre a Índia, sua luz ficou subitamente obscurecida. Toda a planície da Índia, da desembocadura do Indus até as desembocaduras do Ganges, era naquela noite uma imensidão de água rasa e reluzente, da qual emergiam templos e palácios, montes e colinas, cobertos de pessoas. Cada minarete era uma massa apinhada de gente, que, quando dominada pelo calor e pelo medo, caía uma após a outra, nas águas turvas. Toda a terra parecia gemer e subitamente uma sombra passou através daquela fornalha de desespero e de dentro do ar que esfriava, passou um sopro de vento frio e uma multidão de nuvens. Os homens que, quase cegos, olhavam a estrela, viram que o disco negro movia-se vagarosamente através da luz. Era a lua, que se insinuava entre a estrela e a terra. E mesmo quando os homens bradavam a Deus por esta trégua, surgiu o sol no oriente, com uma estranha e inexplicável rapidez. E então a estrela, o sol e a lua precipitaram-se juntos através do firmamento.

Foi assim que em breve, para os observadores europeus, a estrela e o sol nasceram perto um do outro, correram juntos por um certo tempo, depois mais devagar e por fim pausaram, estrela e sol incorporados numa única chama de fogo no zênite do céu. A lua não eclipsava mais a estrela, mas estava ofuscada pela luminosidade do céu. E, apesar de os que ainda estavam vivos considerarem tudo isto, na maior parte, com aquela imbecilidade embotada, gerada pela fome, can-

saço, calor e desespero, ainda havia pessoas que podiam perceber o significado desses sinais. A estrela e a terra haviam estado em seus pontos mais próximos, haviam girado uma em volta da outra e a estrela havia passado. Ela já estava retrocedendo, cada vez mais rápida, na última fase de seu mergulho em direção ao sol.

E então as nuvens se acumularam, obscurecendo a visão do céu e os trovões e relâmpagos teceram um manto em volta da terra; por todo o mundo houve um tal aguaceiro como os homens nunca haviam visto e lá onde os vulcões chamejavam vermelhos contra a abóbada de nuvens, desciam torrentes de lama. As águas estavam escorrendo pelo solo por toda parte, deixando ruínas obstruídas de lama e a terra, como uma praia varrida pela tempestade, estava coberta de escombros, de tudo que flutuava e dos cadáveres de homens e animais, seus filhos. Durante vários dias a água escorreu pelo solo, carregando em sua passagem o solo, as árvores e as casas, amontoando diques enormes e escavando barrancos gigantescos por todos os campos. Tais foram os dias de escuridão que se seguiram à estrela e ao calor. Através de todos eles e durante muitas semanas e meses, os terremotos continuaram.

Mas a estrela havia passado e os homens, movidos pela fome e apenas aos poucos criando coragem, puderam rastejar de volta às suas cidades destruídas, aos celeiros enterrados e aos campos encharcados. Os poucos navios que haviam escapado das tormentas de então, vieram atordoados, danificados e sondando cautelosamente seus caminhos, através dos novos marcos e dos bancos de areia dos portos antigamente conhecidos. E quando as tempestades se abrandaram, os homens perceberam que, por toda a parte, os dias estavam mais quentes do que antes, o sol maior, e a lua, minguada a um terço de sua dimensão original, levava agora oitenta dias entre nova e cheia.

Mas esta estória não conta da nova irmandade que surgiu dentro em breve entre os homens, da preservação de leis, livros e máquinas, da estranha mutação que havia ocorrido na Islândia, na Groenlândia e nas costas da Baía de Baffin, de modo que os marinheiros que lá chegavam já as achavam verdes e atraentes e mal podiam acreditar em seus olhos. Também não conta do deslocamento da humanidade para o norte e para o sul, em direção dos polos, agora que a terra estava mais quente. A estória diz respeito apenas à vinda e à passagem da Estrela.

Os astrônomos marcianos — pois há astrônomos em Marte, apesar de serem pessoas muito diferentes dos homens

— estavam naturalmente profundamente interessados nessas coisas. Eles as viram de seu próprio ponto de vista, obviamente. “Considerando a massa e a temperatura do míssil que foi atirado através de nosso sistema solar para dentro do sol”, escreveu um deles, “é incrível quão pouco estrago a terra sofreu, que por pouco teria sido atingida pela estrela. Permanecem intactos todos os marcos continentais conhecidos, bem como as massas dos oceanos e na realidade a única diferença parece ser uma diminuição da descoloração branca (que se supõe ser água gelada) em volta dos polos”. O que mostra quão diminuta a maior das catástrofes humanas pode parecer, a uma distância de algumas milhões de milhas.¹⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BELGION, Montgomery. **H.G. Wells**. London, Longmans, Green & Co., 1955.
- DERRIDA, Jacques. “Living On. Border Lines”. in **Deconstruction & Criticism**. London, Routledge & Kegan Paul, 1979.
- SAMPSON, George. **The Concise Cambridge History of English Literature**. Cambridge, The University Press, 1961.
- Time. December 16, 1985.
- Veja. 8 de janeiro de 1986.
- WELLS, H. G. “The Star”. In **Fantastic Worlds; Myths, Tales, and Stories**. Ed. Eric S. Rabkin. Oxford, Oxford University Press, 1979.* Direito não-exclusivos de tradução adquiridos pela autora por gentileza de A.P. Watt Ltda., em nome de The Estate of the late H. G. Wells. Londres, 30/6/1986.

SUMMARY

This work juxtaposes excerpts of publications in journals about the coming of Halley's comet with the translation of H.G. Wells' tale “The Star”, as an effort to show how one text reads another, in Derrida's words, through the similarity that exists among the several texts.

10 Wells. H.G. “The Star” in **Fantastic Worlds; Myths, Tales, and Stories**. Ed. Eric S. Rabkin. Oxford, Oxford University Press, 1979. pp.360-371.

* Direitos não-exclusivos de tradução adquiridos pela autora por gentileza de A.P.Watt Ltda., em nome de The Estate of the late H.G.Wells. Londres. 30-6-1986.